



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ENSINO DE GEOGRAFIA NO EJA E A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DOS TEMAS

Euvânia Máira Silva Moura

Ana Valéria Ferreira da Silva

Junívio da Silva Pimentel

RESUMO

Para a formação de indivíduos críticos, prioriza-se um ensino que deve considerar o cotidiano, as experiências e vivências dos estudantes. Quanto ao Ensino de Geografia, este necessita estar voltado para a formação de sujeitos decisivos, aptos a compreenderem e atuarem no espaço por ele produzido. O presente trabalho pretende discutir o ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA), abordando a Consciência Negra e os temas transversais. Para tal, utilizou-se como fundamentação teórica textos de autores como; Alves e Cardoso (2010), Bulgraen (2010), Saviani (2003), entre outros. Resultado de uma ação do Pibid, intitulada 'Consciência Negra: a diversidade de um povo milenar', que teve como objetivo caracterizar as contribuições da cultura negra na formação da sociedade brasileira, além de discutir questões sobre o racismo. Esta, realizou-se na turma da 7^a/8^a série da modalidade EJA, do Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira em Caetité-BA, que mediante a resposta de questionários aplicados aos discentes, considerou-se a importância do tema, como a necessidade de maiores discussões em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Temas Transversais, Consciência Negra.

INTRODUÇÃO

Diante das controvérsias que envolvem a educação, não é de se admirar que o ensino tenha tomado os mesmos caminhos. Não é raro ouvir de professores, as dificuldades que encontram no processo de ensino-aprendizagem: de conduzir as aulas ou de chamar a atenção dos estudantes para as mesmas.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Os rumos que tomaram a educação ao longo do tempo traduzem a ligação direta que possui com as transformações econômicas, políticas e sociais. A necessidade de se adquirir níveis cada vez mais altos de especialização, faz da educação um instrumento de ingresso ao mercado de trabalho, em sua maioria, desprovida de qualquer reflexão. Na qual o ensino é sinônimo de fragmentação, monotonia e cansaço.

A preocupação com a formação de indivíduos críticos é a prioridade de um ensino que deve considerar o cotidiano, as experiências e vivências dos estudantes, mas sem esquecer que as condições históricas são fatores que permitem o entendimento da realidade. No que tange ao Ensino de Geografia, este necessita estar voltado para a formação de sujeitos decisivos, aptos a compreenderem e atuarem no espaço por ele produzido.

Na Educação de Jovens e Adultos, teria o papel de evidenciar a relação entre educação, trabalho e ensino, que na contemporaneidade se torna cada vez mais estreita, em razão da mundialização da economia. A geografia não pode permitir que os estudantes saiam da escola reproduzindo um sistema, que ele mal sabe como funciona. Sem que contribua para sua formação crítica e reflexiva, sobre a realidade que se apresenta.

Nesta perspectiva, o presente trabalho resultado de uma ação do Pibid, intitulada 'Consciência Negra: a diversidade de um povo milenar', teve o objetivo de caracterizar as contribuições da cultura negra na formação da sociedade brasileira, além de discutir questões sobre o racismo. Arelado aos fatos históricos, o assunto foi considerado um tema transversal, ao refletir sobre acontecimentos que permeiam a realidade dos discentes, o que despertou o interesse dos mesmos em participar e considerar a importância do tema em sala de aula.

Para tal, foi utilizado como base a leitura de textos como "O Ensino de Geografia e os estudantes – trabalhadores da EJA: trabalho e espaço em sala de aula" de Alves e Cardoso (2010), "O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento." de Bulgræn (2010), "Escola e Democracia" de Saviani (2003).



Realizando uma abordagem acerca do Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos e apresentando a Consciência Negra como Tema Transversal.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Apesar das contradições que envolvem o papel da escola atualmente. Esse local de ensino ainda representa a base para a formação dos indivíduos, ao tratar-se de instituição social que, direto ou indiretamente, contribui no desenvolvimento da sociedade.

Na busca pela formação de indivíduos críticos diante do cotidiano em que vive, as experiências e vivências dos estudantes devem ser consideradas, para que o processo de ensino aprendizagem aconteça. No que tange ao Ensino de Geografia, Alves e Cardoso (2010), consideram que o reconhecimento dos docentes, da importância dos aspectos culturais, do conhecimento prévio que carrega cada educando, além dos seus laços afetivos, suas relações sociais e históricas possibilitam diversos olhares sobre o espaço.

O ofício de ensinar então, deve manter-se intimamente ligado ao cotidiano dos discentes, de modo que os mesmos possam conhecer sua realidade, compreendê-la e apropriá-la, a fim de que sua produção atenda às necessidades da sociedade. Dessa mesma maneira, o Ensino de Geografia deve estar voltado para a formação de indivíduos críticos, aptos a atuarem no espaço por ele produzido.

Neto e Barbosa (2010) atestam que os conteúdos geográficos a serem ensinados na educação básica precisam estar isentos da fragmentação do saber. O que tradicionalmente acontece decorrente da formação acadêmica dos docentes, na qual a especialização do conhecimento é estimulada desde o início da graduação.

Com base nos conteúdos da geografia, é indispensável que os mesmos sejam abordados com a intenção de apurar o raciocínio geográfico dos estudantes, de forma que compreendam a importância do espaço para o entendimento de seu cotidiano. Com isso, Neto e Barbosa (2010) salientam que, “É preciso fazer com que o aluno perceba



qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da sociedade da qual ele faz parte. Nessa perspectiva, há a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.” (p. 164).

Sobre essa questão, cabe destacar a importância da Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta forma de ensino engloba tanto estudantes na idade adulta, que por algum motivo não conseguiram terminar a educação básica, quanto alunos que apresentam defasagem com relação à série que deveriam estar cursando. A Geografia teria o papel de evidenciar a relação entre educação, trabalho e ensino, que na contemporaneidade se torna cada vez mais estreita em razão da mundialização da economia e informação. Pois o mercado de trabalho exige pessoas qualificadas, e a educação é a maneira mais eficaz na formação de profissionais que serão responsáveis pelo aumento da produção. Com base nisso, Alves e Cardoso (2010) apresenta

Para analisar o diálogo existente entre as relações de trabalho com a educação e o ensino de Geografia, é imprescindível reconhecer que esses elementos sofrem de mútua influência. Os caminhos dados à educação em tempos de acúmulo máximo de capital são os que irão gerar uma gama de profissionais qualificados e habilitados para proporcionar um incremento na produção e, com isso, maiores lucros aos detentores dos meios de produção. (p. 145)

Essa nova realidade marcada pelos avanços tecnológicos e pelo desenvolvimento da economia, fez da educação a peça fundamental na continuidade de sua ampliação. Impondo às pessoas a necessidade de adquirir conhecimento, de se aperfeiçoar ou mesmo de se obter o diploma com nível mais elevado de escolarização, isso se confirma com o surgimento e as mudanças na alfabetização de jovens e adultos ao longo do tempo, como retrata Lopes e Sousa (2007), “A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.” (p. 3)



Segundo Lopes e Souza (2007), no Brasil, a história da EJA deve-se a Paulo Freire, que desenvolveu seu método de educação tendo em vista a liberdade dos educandos, não somente de conhecimento, mas liberdade social, cultural e política, na qual a alfabetização não deveria consistir em ler e escrever apenas. E pior ainda apoiar-se num método silábico, que não permitia o desenvolvimento crítico dos mesmos.

Para que isso ocorra, é necessário que educador e educando tenham uma relação contínua, a fim de que os anseios desses últimos sejam considerados pelo docente no momento de planejamento das aulas. De modo que estas estejam de acordo com as vivências e experiências de cada educando, que se traduza pela relação entre o espaço vivido e o concebido. Nesse aspecto, Paulo Freire (1981), considera que a relação professor-aluno deve fundamentar-se no diálogo. A busca pelo conhecimento de um objeto de estudo é que conduzirá a esse processo, que consiste em uma relação íntima entre os sujeitos do ato de conhecer.

CONSCIÊNCIA NEGRA E TEMAS TRANSVERSAIS

A experimentação que deu subsídio ao desenvolvimento desse trabalho, intitulou-se “Consciência Negra: a diversidade de um povo milenar”. Resultado de uma ação do PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência), realizada na turma de 7ª e 8ª série da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, Caetité-BA. Teve como escopo, caracterizar as contribuições da cultura negra na formação da sociedade brasileira, além de discutir questões sobre o racismo.

A oficina iniciou-se com a apresentação e discussão da música *Racismo é Burrice* (Gabriel, o Pensador), da qual os discentes destacaram palavras ou trechos que lhe chamaram a atenção, e com elas produziram um painel da Consciência Negra. Esta atividade possibilitou a participação dos estudantes na discussão a respeito das lutas de homens e mulheres negras, pela liberdade de expressão e manifestação de sua cultura, além de refletirem sobre o racismo, e a importância do seu debate em sala de aula.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Posteriormente, a turma foi dividida em 3 equipes e distribuídas a cada uma delas, fotos/gravuras para a construção de quadros temáticos. Estes, representando as danças, comidas e religiões herdadas dos povos africanos. Por fim, foi aplicado um questionário com 05 questões, que teve o intuito de averiguar a compreensão dos discentes acerca do tema.

A Consciência Negra, apresentado em seus aspectos culturais e racistas, pode ser considerada como um tema transversal que supera o conceito de disciplina, partindo reciprocamente, do senso comum para o conhecimento científico. Buscando um espaço na formação crítica dos estudantes. Silva et al (2010) considera que o termo surgiu para facilitar a seleção de conteúdos que permitem diversas abordagens, ao passo que estes, estejam ligados a vida dos estudantes.

Destarte, tratar de um assunto presente na realidade dos discentes, estimula-os a participarem das aulas. E essa ideia se comprova pelas discussões e exemplos apresentados pelos estudantes da EJA, dos casos de racismo que presenciaram, ou, que a eles foram dirigidos.

Considerando essas reflexões, os discentes avaliaram positivamente a importância de se discutir sobre o tema em sala de aula, como representa a figura 01.

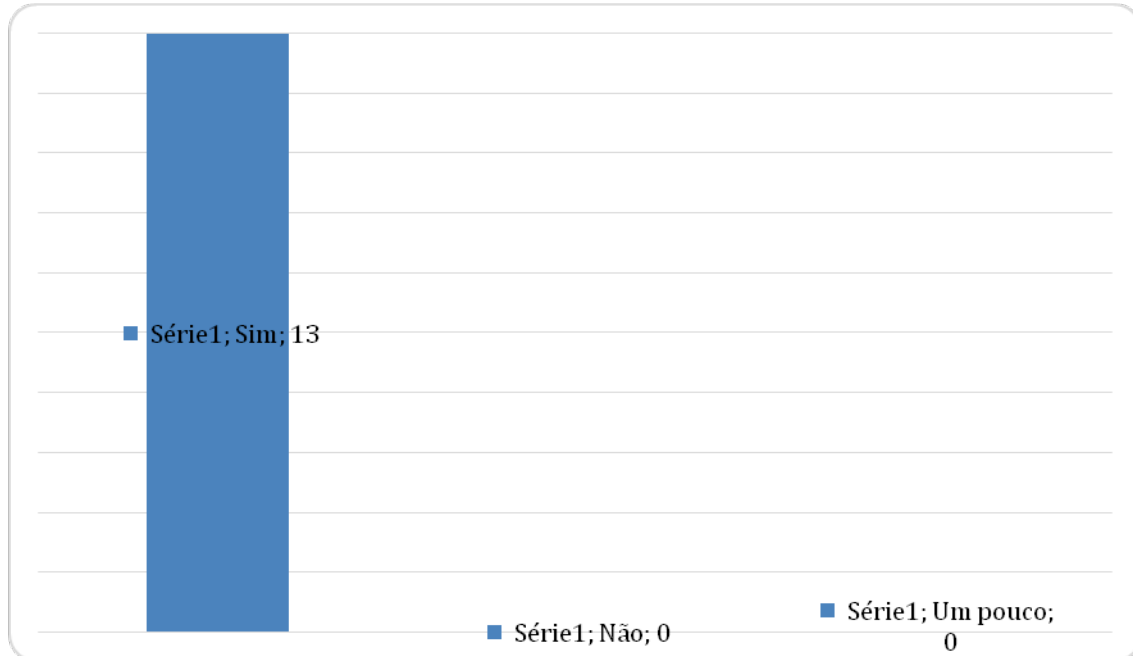


Figura 01: A importância de discutir a consciência negra em sala de aula.

Fonte: Atividade desenvolvida durante a experimentação, Outubro de 2014.

O ensino de temas transversais como a Consciência Negra, se insere em um conjunto de temas que não fazem parte especificamente de nenhuma matéria, podendo ser desenvolvida, segundo Silva et al (2010), pelas diversas disciplinas sem quaisquer prejuízos. O que permite ser tratada também, sobre o enfoque da ciência geográfica.

Partindo da concepção atribuída a esta disciplina, considerada como enfadonha por estimular a memorização dos elementos físicos e humanos, é que se percebe o quanto se faz necessário o relacionar dos conteúdos sistematizados, a vida cotidiana dos estudantes. Como aponta Silva et al (2010), “Não é que a memorização seja desnecessária. A questão é a má utilização dessa técnica, principalmente no estudo da geografia, de forma a recorrer a ela somente durante o processo de ensino/aprendizagem.” (p. 4)

O que se coloca, é a facilidade na qual o educando tem em aprender determinado assunto, quando este for levado em consideração o que ele vive, o que ele presencia todos os dias na produção do seu espaço. Saviani (2003), dentro de uma perspectiva pedagógica crítico-social, avalia que o ato de ensinar não incide em preparar ou fazer

com que os discentes desenvolvam atividades. Mas, é a prática social dos sujeitos envolvidos nesse processo, que dá condições para a elaboração e entendimento da realidade.

É evidente, que o exercício de resgate da prática social dos estudantes, deva estar centrado nos assuntos da atualidade. Mas, conforme Bulgraen (2010) considera-se que o desvendar dos conteúdos históricos de conhecimentos holísticos, também são necessários para o entendimento e formação crítica dos discentes, diante da realidade em que vive.

Nesse aspecto, tratar da consciência negra enfatizando as contribuições históricas desse povo, e claro, relacionando-as ao racismo atualmente, foi uma maneira encontrada para despertar o interesse dos estudantes pelas aulas de geografia, sem perder a linha de discussão. A aceitação da maioria dos estudantes ao afirmarem que o tema deveria ser mais abordado em sala, responde a necessidade que há, em trabalhar mutuamente os assuntos atuais sem se esquecer dos fatos históricos. Como mostra a figura 02:

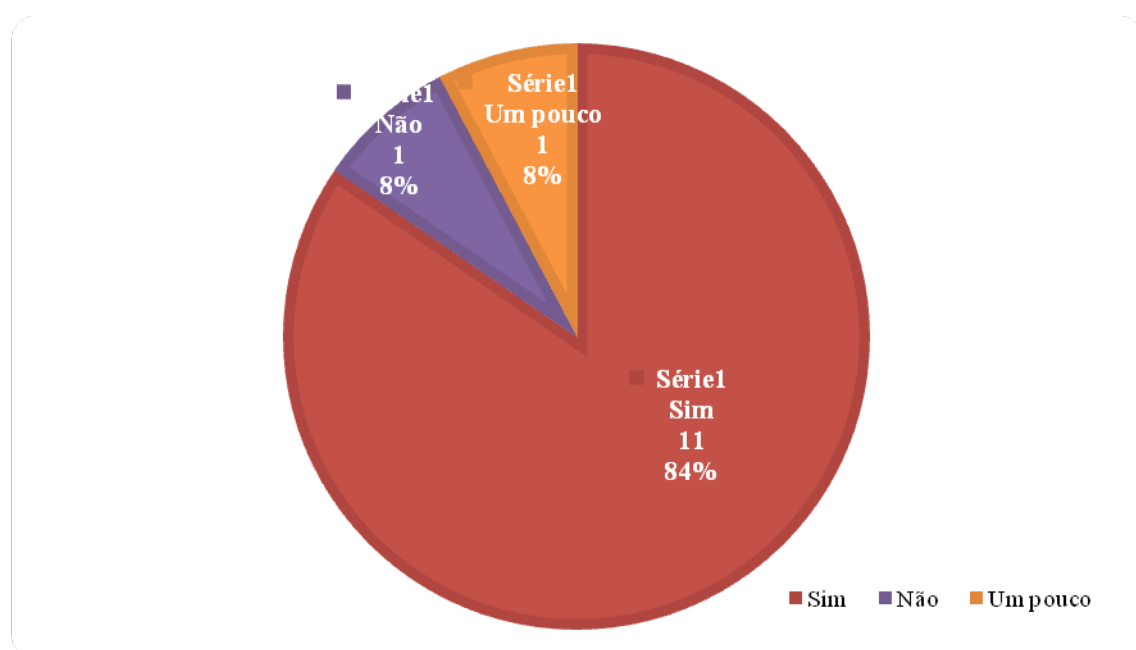


Figura 02: O tema Consciência Negra deve ser mais trabalhado em sala de aula.



Fonte: Atividade desenvolvida durante a experimentação, Outubro de 2014.

É possível perceber que os motivos que levaram os estudantes a entenderem com facilidade e gostarem dos recursos metodológicos, estão relacionados também com a vontade de debater, refletir e discutir a respeito do tema, que, por vezes, não é muito frequente nas aulas. Essa maioria que desejam trabalhar mais vezes esse assunto, não só reforça a necessidade de temas transversais, como ainda reafirma a interdisciplinaridade, pois os alunos aceitaram e gostaram mesmo sendo em uma aula de Geografia, que por hábito não costuma discutir esse tipo de conteúdo.

Desse modo, é imprescindível um repensar sobre a prática docente, já que esta vem apresentando uma ineficiência. Pois, em sua maioria, obedecem a conteúdos engessados presentes nos livros didáticos, sem relação e retorno ao passado histórico como exige alguns, ou, que muitas vezes na abordagem dos temas não inclui o cotidiano. Sendo este último aspecto, fundamental para um ensino significativo principalmente dos jovens trabalhadores do EJA.

CONCLUSÕES

A EJA nos dias atuais demanda pensamentos em relação as novas propostas de ensino-aprendizagem. Considerando a relevância do ensino de geografia para os agentes desta modalidade, deve-se agrupar temas diversificados na compreensão de mundo destes educandos. Em que não basta unicamente trabalhar as cinco categorias geográficas, como cabe envolver temáticas que estejam interligadas com o dia-a-dia do estudante, desenvolvendo reflexões críticas sociais, culturais, econômicas e espaciais.

Assim, os conhecimentos prévios que os discentes da EJA carregam e outras informações devem ser evidenciadas como a Consciência Negra e outros temas transversais. Estes, que por vezes são poucos trabalhados em sala, ou quando são



objetos de discussão, estão carregados de estereótipos de que o ensino-aprendizagem na modalidade deve ser reduzido meramente, a questões de cunho alfabetizatório.

No entanto, a defasagem na apresentação de novos métodos e assuntos no ensino da EJA, contribui para a insatisfação profissional e pessoal dos estudantes. Neste trabalho, os discentes apontaram o quanto foi relevante debater a Consciência Negra e trabalhar novas metodologias. Quando, por exemplo, se fala em estudar o passado para entender o presente, porque o espaço se configura desta forma e não de outra? Pode significar para muitos, inclusive para alguns docentes, um exercício maçante, como qualquer outro, vai exigir reflexão. Além da ideia estabelecida de que a formação geográfica ou em outra área, não permite abordagens de temas que não estejam dentro de seu campo de estudo.

O que se torna um equívoco, diante das exigências que se apresenta ao ensino atualmente. Embora, a associação das disciplinas incomode os profissionais de uma e outra área, no que consiste a perda de espaço. As formas de conceber e conduzir um mesmo assunto, podem ser totalmente distintas, o que faz o trabalho pedagógico ser amplo.

É um exercício interdisciplinar, que quebra as barreiras entre as disciplinas, tão afins, como é o caso da Geografia e da História. Tratar dos assuntos transversais apenas intensifica essa necessidade, de relacionar o vivido com o vivenciado por outras pessoas, e passado de geração para geração, como fruto das relações históricas.

O estudo do espaço, entendido como produção do homem ao se relacionar com a natureza e com o próprio homem, permite a percepção de que tais relações são dinâmicas e se modificam gradativamente por meio das necessidades econômicas, políticas e sociais. Entender a maneira como se deu, e como a sociedade produz e reproduz suas formas materiais de vida, sobre a base da perspectiva geográfica, significa evidenciar o espaço não como organizado e estático, mas como expressão diária das relações humanas.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Portanto, considerar o público alvo da Educação de Jovens e Adultos dentro de suas especificidades, não perpassa pela ideia de negar a eles a oportunidade de adquirir conhecimento, o que anteriormente, de alguma maneira já lhe foi retirado. Nem mesmo, excluí-los de ter contato com outros temas e metodologias, que como foi perceptível são necessárias para seu entendimento e sua vida. Os estudantes trabalhadores da EJA precisam e querem muitos mais do que os simples conteúdos alfabetizatórios. O ensino da geografia tem o papel de apresentá-lo a este mundo contraditório, o espaço que é produzido cotidianamente através de seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Murilo Souto; CARDOSO, Eduardo Schiavone. **O Ensino de Geografia e os estudantes – trabalhadores da EJA:** trabalho e espaço em sala de aula. Revista Pegada, vol. 11 n.1, junho/2010.
- BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. In: **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.
- LOPES, S. P; SOUSA, Luzia Silva. **EJA:** Educação possível ou mera utopia? CEREJA, v. 1, 2007.
- NETO, Francisco Otávio Landim; BARBOSA Maria Edivani Silva. **O Ensino de Geografia na Educação Básica:** uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. Geosaberes, v. 1, n. 2, dezembro/2010.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.